

Para muitos, celular
é indispensável
Página 3

Para que servem os
partidos políticos
Página 4

Grupo Gestus faz
sucesso no interior de SP
Página 7

Vitral



Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UNIARA - Centro Universitário de Araraquara

ANO II - Nº 07 - 2003



Tatuagem e mercado de trabalho não combinam

População
decide onde
e em que a
Prefeitura
deve investir

Página 4

A tatuagem continua sendo um adereço discriminado em várias áreas do mercado de trabalho. O jovem, para aderir a essa arte, deve definir primeiro a área na qual pretende atuar para não ser surpreendido, mais tarde, pela dificuldade em arrumar um emprego. Isso acontece porque o corpo tatuado é visto como sinônimo de irresponsabilidade ou incompetência. Para muitos setores do mercado, a imagem de

um profissional sério e competente não combina com tatuagens e outros adereços extravagantes. Na hora de passar por um entrevista, o candidato que tiver uma tatuagem à vista certamente vai estar fora da briga por uma vaga, a não ser que atue em áreas mais informais, porém não menos sérias, como a comunicação ou as artes.

Página 2

Barzinhos
ganham
preferência
dos alunos

Cerca de 70% dos universitários preferem os bares às salas de aula. Falta de motivação e encontro com os amigos despertam mais interesse do que frequentar a universidade. A balada, que antes ocorria apenas às sextas-feiras, agora se entende durante toda a semana.

Página 6

De volta
às aulas

Muitas pessoas deixam de lado o preconceito e voltam novamente aos bancos escolares. O número de estudantes universitários com mais de 40 anos vem crescendo a cada ano, provando que sempre é tempo de realizar os sonhos e buscar novos horizontes pessoais e profissionais.

Página 3

Rapel
conquista
amantes da
aventura



Claudia Iunhez

Descer uma cachoeira pendurado em uma corda parece loucura, mas é uma prática que tem atraído cada vez mais adeptos. Mesmo se uma bela cachoeira não estiver ao seu alcance, os aventureiros podem sair à procura de rapel urbano, com descidas em pontes e prédios.

Página 8



Vanice de Santi

ECONOMIA - Levar a vida no vermelho virou angústia nacional, mas o brasileiro anda intrigado com uma razão muito mais preocupante. Segundo o IBGE a população está mais pobre. **Página 5**

A tatuagem e o mercado de trabalho

A pessoa tatuada ainda sofre muita discriminação no mercado de trabalho

Rosilene Neves
e Thais Martin

A arte de tatuar o corpo é uma técnica milenar e ao longo dos anos vem conquistando cada vez mais adeptos em todas as partes do mundo, mas muitas pessoas ainda se inibem de fazer esse tipo de adereço devido ao preconceito que podem sofrer, principalmente no mercado de trabalho.

O consultor de tecnologia, Márcio Pavanelli de Freitas, acredita que a discriminação com pessoas tatuadas existe sim, principalmente na sua área de atuação que é de consultoria em grandes empresas, onde fica em contato direto com gerentes, diretores, pessoas com cargos elevados. Nessa função não dá para saber com antecedência se o cliente aceitará ou não um consultor tatuado. "Um consultor tem que passar uma imagem de credibilidade e seriedade", fala Pavanelli. Ele acredita também que o fato de a pessoa ser tatuada, não significa que ela tenha ou não competência sobre algum assunto. "Muitas pessoas julgam as outras pelo aspecto físico, mas nem sempre isso significa o domínio que ela possui. Já vi muitas pessoas que não se vestem conforme o padrão exigido, mas que são totalmente capacitadas para o trabalho, assim como já vi o oposto" diz o consultor.

É o caso do estudante de Fisioterapia, Glauber Fernandes, 23 anos que passou por situações desagradáveis e constrangedoras em uma entrevista para trabalhar em

uma clínica. "Cheguei para conversar com a proprietária e ela só falou me perguntar se eu tinha antecedentes criminais porque tenho cara de mal e sete tatuagens pelo corpo. Conclusão: não consegui o emprego, mas hoje sou dono de minha própria clínica e meus pacientes além de acharem o máximo, me respeitam".

Mas nem todas as profissões têm esse perfil discriminador. A supervisora técnica de recursos humanos do Instituto de Química da UNESP, Tereza Bandelli, diz que quanto ao cargo público, a tatuagem não é um fator discriminatório. Para a pessoa ingressar em qualquer tipo de função pública, terá que obter aprovação em concurso, pois essas provas irão avaliar se o candidato tem potencial para assumir o cargo ou não. "As provas são aplicadas visando encontrar o candidato com perfil mais adequado ao exercício da função em concurso. Para nós, o que importa é a competência do candidato e não sua aparência física," explica Tereza.

Além do setor público, outras áreas profissionais também não discriminam os tatuados. O publicitário Ricardo Teixeira sempre obteve sucesso em suas entrevistas de emprego e nunca enfrentou preconceito. "Tenho três tatuagens e trabalho em uma empresa de grande porte. Sou gerente de marketing e já trabalhei em vários lugares onde nunca tive problemas".

Diante de todas essas incertezas, quem tem vontade de se tatuar precisa antever a área profissional na qual pretende atuar. O estudante



Economia, Marcelo Marcondes Nóbrega explica que até pensou em remover a tatuagem devido ao preconceito encontrado para conseguir um emprego, já que tem uma tatuagem em todo o braço e em parte da mão. "No meio da entrevista, me pediram que levantasse a manga da camisa, sendo dispensado imediatamente. Naquele momento desabei, pensei até em tirar a tatuagem mas, analisando a situação, esse desenho no meu braço não mudava em nada meu modo de pensar e agir".

Esse preconceito, na opinião do estudante Luis Felipe de Souza, tem origem na rebeldia e muitos outros estigmas que os próprios tatuados criam. "Trabalho em uma multinacional há quatro anos, tenho cinco ta-

tuagens bem visíveis e mesmo que eu não tivesse tatuagem seria a mesma pessoa, esses desenhos coloridos no meu corpo não influenciam em nada na minha personalidade", afirma.

O psicólogo e professor de Psicologia da Educação, Antonio Carlos Domene acredita que os motivos que levam uma pessoa a se tatuar podem ser múltiplos, mas geralmente quem faz uma tatuagem, faz porque quer se identificar com certo grupo da sociedade ou ainda por querer se diferenciar de outros grupos. "Quando uma pessoa faz uma tatuagem ela tem uma determinada idade, pertence a um grupo social", explica. Passado algum tempo essa necessidade de diferenciação passa e a pessoa pode não que-

rer mais ser identificado com aquelas marcas ou pode ser censurado.

O psicólogo fala ainda que a discriminação aos tatuados não é generalizada e pode ocorrer ou não ocorre em função de vários fatores. Uma pessoa popular e querida pelo público não será discriminada por ter uma tatuagem. O que leva à discriminação são outras condutas não aprovadas socialmente como não gostar de trabalhar, consumir drogas, entre outros. "A tatuagem deve ser entendida dentro de um contexto social. Os indivíduos sempre marcaram o seu corpo. Numa determinada época as tatuagens poderiam até significar uma prova de amor por uma pessoa", finaliza Domene.

expediente

Vitral UNIVERSITÁRIO

O Jornal Laboratorial VITRAL UNIVERSITÁRIO é produzido pelos alunos do 3º ano do Curso de Jornalismo da UNIARA - Centro Universitário de Araraquara.

Reitor: Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro; **Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:** Prof. Mivaldo Messias Ferrari; **Coordenador do Curso de Jornalismo:** Prof. Luiz Carlos Messias da Silva; **Editora:** Profª Elivanete Zuppolini Barbi, MTb 12.709/SP; **Diretor de Arte:** Prof. Daniel do Carmo, MTb 344/RN;

Equipe de Redação: Ademilson Giroto, Alan Fernandes Bezerra, Aurea Luzia Modenezi, Carolina Hansen de Oliveira, Clariana Sant' Anna Ferreira Domingos, Cláudia de Oliveira Ianhez, Claudio Christovão Dias Junior, Débora Matos da Silva, Elisete Aparecida da Silva, Eduardo Cabrini, Fernanda Bolognese Manecolo, Gabriela Cristiane Rocha, Giovana Cristina Cheric, Janaina Maria de Castro, Joana Prada Silvério, José Comandini Neto, Juliana Alves de Campos, Larissa Fernanda Campregher, Leandro da Silva Castro, Lia Sajovic Verdiani, Luis Fernando Zeferino, Mirna Melucci, Nelson Ricardo Costa Silveira, Paula Alvarinho Urbano, Priscila da Silva Luiz, Regiane de Castro Dall'Aqua, Renato Adail Pessuti, Roberto Schiavon, Rodrigo José Cozzato, Rodrigo de Araújo Bruschi, Rosilene Andrea das Neves, Samanta Trevisan Coelho, Sergio Eduardo Martins dos Santos Junior, Thais Cristina Martin, Thiago de Almeida Faccin, Vanilce Helena de Santi e Vivian Torresan; **Auxiliar Técnico de Informática:** Fernanda Sanches - Lab 04; **Distribuição gratuita:** Faculdades e Universidades de Araraquara e Região; **Impressão:** Fullgraphics (16) 39655500.

Jornal nosso de cada dia

Enquete revela que entre 100 araraquenses, 80 não têm hábito de ler jornal

Priscila Luiz

Se para algumas pessoas receber o jornal todo dia pela manhã na porta de casa é um hábito prazeroso, para outras não passa de um mero costume desnecessário. O jornal impresso diário não é a leitura predileta dos cidadãos araraquenses, nem mesmo o meio mais procurado para obter-se as informações do dia. Foi o que mostrou a enquete realizada pelo jornal VITRAL UNIVERSITÁRIO. Foram entrevistadas 100 pessoas, de ambos os sexos, com idades variadas entre 15 e 60 anos, no centro da cidade.

Segundo os resultados da enquete, 36 pessoas lêem jornal somente nos finais de semana, 25 só procuram um jornal quando há uma notícia que interessa, 27 nunca lêem e somente 20 disseram ler o jornal diariamente. Quando perguntados a que se deve essa falta de interesse pelo jornal impresso, a maioria dos entrevistados alegou falta de tempo. "A gente não tem tempo de parar e ler um jornal. Ouço as notícias pelo rádio, assim vou trabalhando e escutando os principais acontecimentos do dia. Em meia hora estou informada", afirma uma das entrevistadas, Nilza Maria Pollis, 56 anos. Para o jornalista Márcio Martinelli, 34 anos, a falta de tempo é um fator que influencia, porém não é o único. "Se a pessoa quiser, ela arruma tempo para ler. É claro que não vai conseguir ler o jornal inteiro, mas pelo menos lerá algo que lhe chame a atenção, como uma ou duas maté-



Jornal: hábito para uns, desnecessário para outros

rias jornalísticas ou uma coluna, por exemplo. É só descobrir o prazer da leitura que a pessoa arruma um tempo para esse exercício diário", comenta Martinelli.

As mídias eletrônicas também contribuem para o descaso com o jornal impresso. A televisão foi a vencedora como o meio mais procurado pelos entrevistados para ficar bem informados e 35 pessoas apostam nesse veículo como a melhor e mais acessível fonte de informação. Mas, segundo o jornalista Martinelli, é ingenuidade achar que as notícias divulgadas na televisão são suficientes, pois há muita informação nos jornais e revistas que não estão na televisão e vice-versa. Para ele, as mídias se

completam. "Os telejornais são satisfatórios, mas não possuem aprofundamento e reflexão em um determinado assunto como os jornais", garante o jornalista. Quem concorda com isso é Otacil Perini, assinante há cinco anos de um jornal diário. "A TV é superficial. Já a mídia impressa detalha mais os assuntos e dá tempo para ler e rere o que julgo necessário", defende o assinante.

O preço do jornal também foi muito criticado pelos entrevistados. Das 100 pessoas, 20 afirmaram não ler pois o valor do impresso, tanto nas bancas como as assinaturas, está alto em relação à atual situação financeira da sociedade. Segundo eles, é necessário gas-

tar em tantas outras coisas que acaba não sobrando dinheiro para esse "luxo". "Penso que os preços poderiam ser mais baixos, o que facilitaria o acesso de mais pessoas", declara o jornalista, "mas há alternativas para quem deseja ler como as bibliotecas municipais".

Segundo Martinelli, o principal motivo do desinteresse pela leitura é mesmo a falta de incentivo dos pais e professores, ainda na alfabetização. Para ele, também há uma responsabilidade do governo em investir na Educação e criar mais projetos de estímulo à prática da leitura. "Há boas iniciativas existentes no Brasil e um investimento maior nessa área trará resultados positivos para o país", diz.

Apesar do hábito de ler jornais estar relegado a um segundo plano, a maioria dos entrevistados, 82 pessoas, têm consciência de que esse tipo de leitura é importante e necessária para os dias atuais. Porém, os outros 18 julgam a aquisição de um jornal diário desnecessária, já que existem outros meios de comunicação que informam, são mais acessíveis e confortáveis.

Para Martinelli, a leitura do impresso é de extrema importância para a sociedade, pois estimula a reflexão e o senso crítico dos cidadãos com temas que envolve sua cidade, o país ou o mundo. "Ler jornal é um hábito saudável e fundamental para a formação de qualquer ser humano. O contato com a informação, com um novo mundo é algo fantástico, indescritível", conclui o jornalista.

Espírito jovem invade a Universidade

Pessoas acima de 40 anos superam preconceitos e partem em busca de seus sonhos

Juliana Campos

“Nós não paramos de jogar porque ficamos velhos; nós nos tornamos velhos porque paramos de jogar. Existe um grande segredo para continuarmos jovens, felizes e conseguir o sucesso, este segredo é ter um sonho e lutar para torná-lo realidade”. A frase, de autor desconhecido, exemplifica bem a história de vida de alguns “personagens”. Pessoas que costumam, em busca da concretização de um sonho, frequentar as salas de aulas, laboratórios e a biblioteca da Uniara. Por meio da nova rotina, superam o preconceito de que são apenas os jovens que podem e possuem potencial para cursar o nível superior de ensino e assumem o grande desafio após os 40 ou 50 anos de idade.

Portadora de muita vontade e disposição, a aluna do primeiro ano de Psicologia, Clarisse de Souza, 58 anos, conta que procurou pela universidade por gostar de estar em constante movimento, por sentir a necessidade de complementar seus conhecimentos e manter-se atualizada.

O principal obstáculo enfrentado por Clarisse vem de seu filho. Com pouco menos de 20 anos, o jovem considera um absurdo sua mãe estudar com pessoas que foram seus colegas de classe durante o ensino médio. A rejeição é tanta que não fica apenas na “teoria”. Clarisse revela que o filho não colabora e, principalmente em época de provas, propositalmente faz muito barulho e não a ajuda nas atividades de casa. Apesar dos contratemplos, Clarisse permanece firme em busca de seu ideal. Antes de voltar aos bancos escolares, trabalhou durante um período como encarregada de serviços gerais em um hospital. Depois fez curso técnico em Enfermagem, passou a trabalhar como enfermeira, cursou Serviço Social e atuou du-



Osmar: trabalho com os colegas de classe

rante muito tempo como assistente social, aposentando-se nesta profissão. Com a vida estabilizada, prestou o vestibular, ingressou novamente na faculdade e hoje, como ela mesmo se define, é a “mãezona da classe”.

As razões que trouxeram Airton Rodrigues Goulart, 44 anos, para cursar Administração de Empresas foram diferentes das de Clarisse. Goulart, além de ter muita vontade de estudar, começou a perceber que no banco onde atua profissionalmente, muitos colegas de trabalho, entre eles alguns subordinados, possuem curso superior ou estão cursando. “Além de adquirir conhecimento, que é muito importante, é uma forma de manter-me bem no meu emprego”, explica. O universitário considera como um verdadeiro desafio conciliar o trabalho, a família e a universidade. Apesar de ser muito cansativo, está entusiasmado e diz com os olhos brilhando que fará todos os esforços para concluir o curso.

Por uma ou outra razão é cada vez mais frequente encontrar estudan-

tes mais velhos nos corredores da faculdade. O estudante do 2º ano de Direito, Osmar Marcello, 54 anos, aposentado, envolvido de “corpo e alma” com os conteúdos das aulas, sempre teve como sonho concluir um bom curso superior, onde pudesse extrair o máximo de conhecimentos. Quando mais jovem, realizou curso técnico em eletrônica e curso superior em administração de empresas, o que, ainda, não o satisfiz.

Como um de seus filhos concluiu no ano passado o curso de Direito, visualiza a possibilidade de, no futuro, trabalharem juntos. Em relação a seus colegas de classe mais jovens, conta que se dá muito bem, e que procura sempre aconselhá-los, tomando o cuidado para que sejam apenas conselhos, sem intromissões e imposições de atitudes. Também interessado em Direito, outro estudante “veterano” é Eraldo Antonio, 46 anos, que já está na reta final. Terminando o 5º ano de Direito, conta que a grande responsável por seu ingresso na Universidade foi sua esposa, que o incentivou muito. For-



Edgar: muito disputado

mado em Agronomia, trabalhando atualmente nesta área como funcionário público da Secretaria da Agricultura Estadual, sempre se interessou pelo Direito. Além disso, espera que o curso abra boas oportunidades, principalmente para concursos públicos. “Como já estou terminando, posso afirmar que foi muito proveitoso. Após 20 anos sem estudar, conseguir concluir o curso foi uma grande conquista”.

O futuro jornalista, Edgar Santa Rosa Esteves, 52 anos, assim como Eraldo, também é engenheiro agrônomo. Ele conta que seu pai foi durante muito tempo correspondente do jornal Folha de S. Paulo, e que alguns parentes também são jornalistas, o que sempre lhe gerou curiosidade, interesse e o motivou para iniciar, neste ano, o curso de Jornalismo. Logo no início, percebeu e considerou natural uma determinada segregação na sala de aula, o que acabou deixando-o um pouco deslocado. Com o passar do tempo, os colegas de classe foram percebendo que ele estava disposto a

se integrar e que, pela própria experiência de vida adquirida, tinha muito a acrescentar. Hoje, para a realização dos trabalhos em grupo, Esteves é muito disputado.

Clarisse, Airton, Osmar, Eraldo e Esteves são exemplos fortes de busca pela realização pessoal. Mostram, com atitudes, que quando se tem vontade, tudo se torna possível. Especialmente numa época em que o conceito de idoso está se transformando rapidamente. Hoje, ao contrário de bem pouco tempo atrás, uma pessoa de 50 anos ainda é considerada jovem e apta a realizar sonhos e planejar o futuro.

O mito da idade

A psicóloga e professora universitária Simoni de Cássia Haddad Penteado percebe, como psicóloga e também como professora que convive com jovens estudantes com mais de 40 anos, que existe um rótulo, um mito instaurando, de que a idade para estudar é a juventude. O processo de envelhecimento é visto como um período de declínio, de perdas e, automaticamente, as pessoas relacionam a imagem do idoso à de uma pessoa esquecida, que começa a sofrer perdas significativas tanto físicas como intelectualmente. “O mito é o seguinte: o indivíduo está mais velho, portanto seu grau de aproveitamento será deficitário”, resume.

A pessoa com idade mais avançada, segundo Simoni, pode apreender normalmente os conhecimentos transmitidos na universidade. “Não podemos negar que há uma perda natural na memória, mas nada que impeça e bloqueie o aprendizado”. A psicóloga considera que a procura pelo ensino superior em idade mais avançada é feita por pessoas que buscam incessantemente pelo conhecimento, que não se permitem ficar paradas e partem sempre em busca da satisfação dos anseios interiores.

Atraídos pela “celularmania”

Para trabalhar ou paquerar, o celular tornou-se imprescindível, principalmente para os jovens

Gabriela Rocha

O telefone celular é hoje um objeto indispensável para boa parte das pessoas de várias faixas etárias e sociais. Status para alguns, necessidade para outros, o celular chegou há poucos ao Brasil, mas já tem adeptos entre crianças, jovens, profissionais, estudantes e donas-de-casa. Os maiores atrativos dos telefones móveis nem sempre são pelos serviços básicos prestados pelas operadoras. A cor, o modelo, tamanho, funções de mensagens, *Waap*, fax e fotos que podem ser tiradas pelo próprio celular e mandadas para outro são razões mais que suficientes para o usuário gastar centenas de reais em aparelhos cada vez mais sofisticados.

Outra boa razão para aquisição de um celular é oferecida aos que gostam de rastrear seus filhos por meio do inseparável aparelhinho. O celular é um aliado valioso quando se trata de encontrar filhos. Com essa e outras desculpas, além do grande número de promoções oferecidas pelas lojas, os consumidores, compram cada vez mais celulares e aprendem rapidamente a não viver sem eles. Para André Maximiliano, gerente administra-

tivo da Elma Chips, filial de Araraquara, o celular é um instrumento de trabalho. Sem o aparelho seria muito difícil a comunicação dele com os vendedores, e todo o pessoal envolvido da empresa de Araraquara e outras filiais.

O crescimento de pessoas que adquirem um aparelho chega a ser maior do que o telefone fixo. Com mais de trinta milhões de usuários, o celular lidera na concorrência e a expectativa é de que esse número aumente ainda mais até o final do ano. Entre os usuários há os que optam pelo telefone pré-pago, no qual a facilidade é ainda maior, pois se pode creditar somente o valor desejado e de acordo com a necessidade de cada um. Apesar dessas facilidades, quem imagina que manter um celular é fácil, está redondamente enganado. O custo pesa no bolso do consumidor. As tarifas das ligações e mensagens não são baratas. Cada ligação de um minuto custa em média R\$ 2 e mensagens custam sessenta centavos aproximadamente. Muitas das operadoras fazem promoções de Dia dos Namorados, Dia das Mães, Natal, mas por tempo determinado. De qualquer forma, a conta do celular tornou-se mais um gasto mensal para muitas famílias, uma conta a mais a pagar no final do mês, mas o que importa



Jovem e o celular: inseparáveis

para muitas pessoas é ter o telefone a qualquer custo.

Para a estudante Fabiana Gonçalves de Jesus, o celular não é uma ferramenta que faz parte de seu trabalho, mas ela considera indispensável para sua própria segurança. “O celular facilita minha vida, quando preciso falar com alguém com urgência é só discar, não importa a hora e o local, mas falar só



Hora do estudo: celular na mesa

o necessário, pois as ligações são muito caras. E a estética do celular para mim é importante porque ele sendo menor, facilita no transporte e não ocupa espaço dentro da bolsa, além de ser bonito”.

Como Fabiana, para a maioria dos estudantes carregar o celular já virou um vício. Dentro das salas de aula, é visível aparelhos em cima das carteiras, apesar de alguns professores não

admitirem. Os alunos, então, deixam no modo vibratório e, caso o aparelho toque, ninguém ouve e ele sai da sala para atendê-lo.

Por moda ou por necessidade, o certo é que ninguém desgruda os olhos do aparelhinho. Sempre se arranja uma desculpa para ter um, mas é preciso consciência para não meter os pés pelas mãos e acabar com mais uma dívida mensal.

Partidos políticos perdem identidade

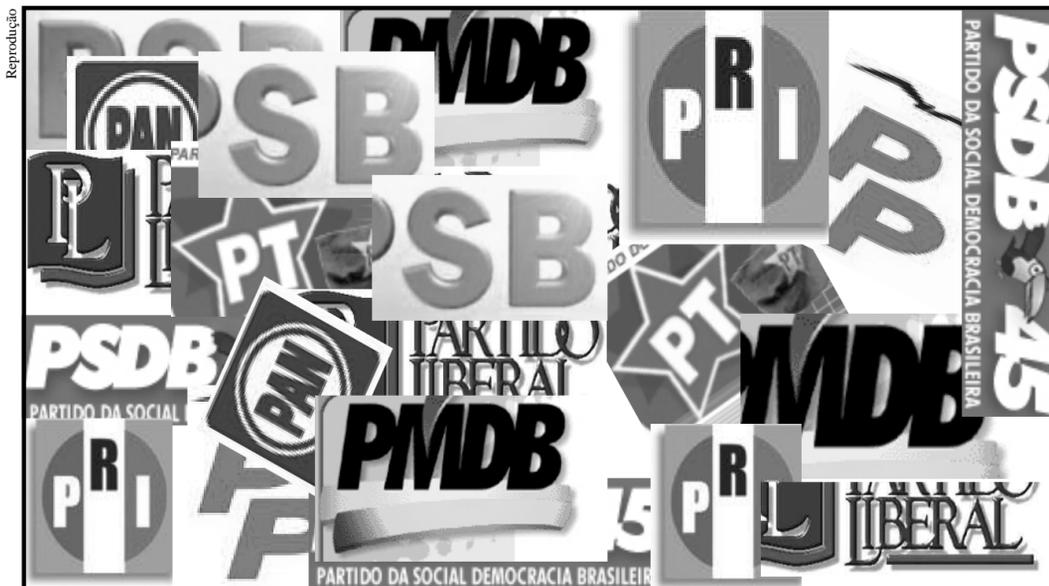
Fundamentais para a democracia, os eleitores ignoram os partidos e suas histórias

Débora Matos

Falta pouco menos de um ano para as eleições municipais de 2004. Um prazo aparentemente longo para a disputa, mas em contagem regressiva para os partidos e possíveis candidatos. Boa parte da confirmação das forças políticas, sobretudo as filiações partidárias, já foi decidida, em 03 de outubro de 2003. Daí por diante, a margem de manobra para troca de partido, coligações, alianças e composição de chapas já ocorrem numa faixa bem mais estreita. Exatamente nessa fase do processo eleitoral, a fragilidade ou a força dos partidos são reveladas aos eleitores que ficam confusos com tantos “troca-trocas”.

Políticos que se filiam, políticos que se desligam, os partidos no Brasil não guardam tanta fidelidade como ocorre nas democracias mais sólidas. Por isso, os eleitores preocupam-se pouco com o partido a escolher. Afinal, poucos sabem para que serve um partido político e a maioria escolhe seus candidatos pela pessoa, embora os partidos políticos sejam uma das principais sustentações do sistema democrático moderno. Sem partidos, a sociedade não teria como escolher seus representantes políticos.

Os partidos são compostos por ideais comuns e convicções ideológicas em torno das quais reúnem-se grupos de pessoas que partilham das mesmas idéias. Numa democracia avançada, os eleitores escolheriam entre essas idéias as que mais lhe agradam e convencem. Num sistema democrático jovem e frágil como



o brasileiro, isso não acontece e os partidos se confundem entre a população. No Brasil, atualmente existem 25 partidos políticos e a história revela que, no começo, eles foram reprimidos, hostilizados e desprezados. Durante o longo período de ditadura militar, foram banidos e restaram somente dois: Arena e MDB.

Com a reabertura democrática, em 1980, foi autorizada a formação de cinco partidos. Finalmente, em 1985, veio a completa liberdade partidária. Com ela, a proliferação de pequenos partidos cujas propostas se confundem umas com as outras, deixando os eleitores atordoados. Mas, para entender um pouco de partidos políticos, primeiro é necessário compreender democracia.

Origem grega

A palavra democracia é de ori-

gem grega (*demos*, povo, *kratos*, poder). A democracia moderna teve suas origens na Grécia há mais de 2.000 anos e significa uma doutrina política ou forma de governo baseada na soberania do cidadão, no seu acesso à cena pública, na pluralidade de idéias e expressão de suas opiniões, na possibilidade de intervir politicamente

Democracia também significa a participação de todos na vida da família, da escola, da empresa, do país ou de qualquer agrupamento de pessoas que têm desejos, idéias e sonhos diferentes. Para que possam decidir entre opções diversas, essas pessoas conversam, ouvem umas às outras, discutem. Se todas concordam com uma opção, ocorre o consenso. Se é preciso decidir entre mais de uma possibilidade votam e deve prevalecer a decisão

da maioria.

Para votar, a população escolhe entre propostas e projetos diferentes que são organizados em diferentes partidos que tentam convencer o maior número de pessoas sobre suas idéias. Para a vereadora Juliana Damus, do PPB - Partido Progressista Brasileiro, eleita com 1.254 votos, “os partidos políticos representam o elo de participação popular com os governantes, e somente pelos partidos o cidadão pode concorrer a cargos políticos como vereador e deputado. Não há democracia sem o voto e sem a existência dos partidos políticos. Com o fortalecimento da democracia nota-se uma maior participação popular no processo político.”

Apesar de os partidos terem essa importância histórica e política, muitas pessoas imaginam que

eles existam apenas para fornecer legenda para os candidatos a cargos públicos de vereador a Presidente da República. Isto porque, na legislação eleitoral brasileira só podem concorrer às eleições aqueles que forem filiados a qualquer dos partidos legalmente instituídos. Mas, os partidos têm funções muito mais importantes que a de mera legenda e devem buscar organizar as diversas parcelas da sociedade, representar os que concordam com ele, manter-se fiel a seu programa e a seu estatuto.

Porém, há muitos partidos que servem mais para as aspirações de alguns grupos ou indivíduos do que para a propagação de idéias renovadoras. De acordo com Fábio de Carvalho, presidente da União dos Ferrovários de Araraquara, “a importância de um partido político para a sociedade é a garantia da sobrevivência de nossa democracia. Os partidos servem para exprimir e para formar a opinião pública”.

Para realmente serem capazes de formar opinião pública, os partidos terão que se definir com mais precisão. Nas democracias consolidadas, como as dos países europeus, os partidos são tão fortes que é impensável alguém desligar de um para filiar-se a outro. No Brasil, enquanto essa identidade partidária não ocorrer, os eleitores vão continuar procurando seus candidatos preferenciais mais pelas propostas individuais e afinidades pessoais.

Os partidos ficam em segundo plano e, salvo algumas exceções de agrupamentos de esquerda, os eleitores não conseguem associar candidatos a filiações partidárias.

População decide orçamento municipal

Dos R\$ 2 mi investidos pela Prefeitura, R\$ 12 mi foram aplicados no OP

Carolina Hansen

Em vigor desde janeiro de 2001, o Orçamento Participativo (OP) surgiu no início da gestão de Edinho Silva (PT), atual prefeito de Araraquara. Considerado um espaço democrático, onde a população pode e deve participar, o OP funciona em todos os bairros, através de reuniões nas quais os moradores decidem o orçamento do município e suas prioridades. Para facilitar o trabalho e a participação popular, o município de Araraquara foi dividido em oito regiões, cada uma delas divididas em sub-regiões, para que sejam atendidas as necessidades específicas de cada bairro. Durante o ano, acontecem as plenárias (reuniões com a população realizadas nos bairros), onde o Conselho do Orçamento Participativo (COP) presta contas para a população, demonstrando quanto a prefeitura arrecadou, quanto gastou e o que foi feito em termos de obras.

Nessas plenárias cada região escolhe três temas prioritários para o bairro. As questões técnicas, os recursos disponíveis, a localização, o projeto e os custos das obras ou dos programas dentro de cada tema, são amplamente discutidos nas reuniões do Conselho abertas à toda comunidade. Das três prioridades eleitas, o COP garante a execução da primeira, sendo que as demais dependerão dos recursos disponíveis.

Para viabilizar e agilizar o processo decisório, nas reuniões, a cada dez participantes, um morador é eleito re-



Márcia Lia: Orçamento é avanço para o município

presentante e chamado de delegado. Ele fica encarregado de verificar e escolher as áreas com maior necessidade de implantações. Segundo delegada da Região 5, (Condomínio Satélite, Vila Suconasa) um dos bairros precários da cidade, Gláucia Fernanda Emílio, graças ao OP os moradores conseguiram nesses dois anos algo que não tinham, como a ampliação do Centro de Educação e Recreação (CER), a iluminação da pista e a pavimentação no bairro inteiro. “Com esse programa eu e a população es-

peramos melhores benefícios para os bairros”, comenta a delegada.

Luis Benúncio, delegado da Região 4, (Jardim Pinheiros e América) afirma que as obras são cumpridas a regra, mas às vezes, elas atrasam um pouco por causa das verbas arrecadadas pela prefeitura, porém, nunca são deixadas para trás”. O dinheiro do orçamento participativo é basicamente o que sobra da arrecadação municipal do ano anterior. “É o conselho do orçamento participativo que decide

quanto de recurso irá para cada região de acordo com a obra escolhida”, afirma Márcia Lia, coordenadora do orçamento participativo.

Através deste programa, em dois anos de Orçamento Participativo, dos cerca de R\$ 22,2 milhões investidos pela Prefeitura, R\$ 12 milhões foram aplicados no OP. A intenção do Poder Público é agir de maneira direta junto à população para construir e tornar a cidade melhor, moderna e com mais qualidade de vida para os quase 190 mil habitantes.

Jornal mantém a população informada

O Orçamento Participativo (OP) de Araraquara surgiu para que a população pudesse dizer o que é mais importante para cada bairro. Esta participação democrática conta com um instrumento de divulgação muito importante: o jornal “Informativo Orçamento Participativo”. Esse jornal funciona como uma prestação de contas para a comunidade, onde toda a população tem a possibilidade de saber o que está acontecendo no OP.

Para facilitar o trabalho, as regiões foram divididas em oito e através do informativo é que a população fica sabendo os locais, datas e regiões de cada reunião plenária. Por meio do informativo, a Prefeitura pode prestar contas sobre os investimentos que estão sendo feitos, orientar a população sobre o andamento das obras, entre outras informações.

Devedores tentam sair do vermelho

Dificuldades para pagar dívidas vira angústia nacional

José Commandini Neto

O número de brasileiros enracados na ciranda das dívidas e no pesadelo da inadimplência cresce com a mesma rapidez com que uma cobrança chega à porta de casa. Sobra cada vez mais mês no final do salário e a pilha de contas a pagar tende a ficar perigosamente maior do que o dinheiro que entra. Levar a vida no vermelho virou angústia nacional, mas o brasileiro anda encalacrado por uma razão muito mais preocupante: ele está mais pobre. Dados do IBGE mostram que a renda média encolheu 15% só no último ano. O desemprego, além disso, passou a assustar mais gente. Nos seis primeiros meses do governo Lula a taxa de desemprego ficou em 12,2%, o que equivale a 2,7 milhões de pessoas.

Com esses indicadores, não é difícil explicar porque há cada vez mais inadimplentes. Mesmo assim, a população vai procurando encontrar saídas para equilibrar as despesas e a receita. Uma dessas alternativas é identificar quais são as despesas mensais e o impacto de cada item no orçamento final. Isso permite que o devedor descubra onde está o problema maior. A idéia é ser detalhista nas anotações, mesmo que no início a missão seja monótona. Há junto um esforço psicológico importante a ser realizado, quando é preciso controlar a ansiedade de consumo e não cair na ilusão de que é bom usufruir hoje de um bem que só se poderá pagar amanhã. O maior erro do inadimplente é achar que as coisas vão se acertar sozinhas e que a situação não pode ficar pior. Mas, sempre fica.

Para Alexandre Quirino Coelho, 25 anos, funcionário público, é necessário abdicar de alguns luxos para acabar com a dívida. “É uma solução que, se precisar, com certeza usarei”, garante. Se o débito for de R\$ 10 mil, por exemplo, e o devedor tiver um carro no mesmo valor, os especialistas afirmam que o melhor é se desfazer do bem. Em seis meses a dívida estará valendo R\$ 17,5 mil no cheque especial, enquanto o carro provavelmente



Carro á venda: opção para pagar dívida

terá seu valor depreciado.

Há outras formas de se levantar dinheiro para honrar contas penduradas. Para quem tem carteira assinada, uma saída é vender uma parte das férias ou pedir uma antecipação do 13º salário. A restituição de Imposto de Renda também deve ser totalmente investida na quitação de débitos. Quando há compromissos pendentes, o melhor é não abrir espaço para ambições de compra. Se o financiamento for inevitável, antes de fechar qualquer empréstimo é necessário verificar os juros cobrados em cada uma das modalidades. Os das financeiras são altíssimos, de mais de 12% ao mês. No caso do cartão de crédito, eles são em média de 10%.

Para os adolescentes, os pais sempre acabam ajudando quando as contas apertam no final do mês, pois além de roupas da moda e acessórios não pode faltar o dinheiro das baladas. Elias Meszingisser, 19anos, afirma que não gasta mais do que pode. “Mas, se gastar, peço aos meus pais”, conta.

Organizar as contas, no entanto, não é exclusividade dos endividados. Luís Fernando Zeferino, 22 anos, estudante de jornalismo, diz que para não entrar no vermelho nunca compra a prazo. “Só compro quando tenho o total na mão”, revela. Mesmo quem tem

Como limpar o nome na praça

- Procure os serviços de orientação ao consumidor nas principais centrais de proteção ao crédito, como SPC e Serasa, munido de RG e CPF. Não adianta telefonar. É preciso ir pessoalmente.
- Informe-se nessas centrais sobre pendências que constam de sua ficha sobre a melhor maneira de regularizar a situação com credores ou cartórios de protestos.
- Se houver algum erro em seus dados cadastrais, o Código de Defesa do Consumidor impõe um prazo de cinco dias úteis para que as alterações sejam repassadas a todo o sistema de proteção ao crédito.
- Não é preciso contratar serviços de terceiros para regularizar as pendências. É possível quitar as dívidas diretamente com os credores.
- Pague ou renegocie as dívidas e exija um documento que comprove o acordo. Isso já basta para retirar o nome das listas negras, independentemente de a dívida estar ou não totalmente paga. A própria empresa se encarrega de comunicar às centrais a liquidação ou a renegociação do débito.
- Se a empresa se negar a retirar o nome do cadastro de inadimplentes, procure um órgão de defesa do consumidor.

a vida financeira equilibrada, o acompanhamento constante do orçamento e um fundo de reserva são fundamentais, pois em um país como o Brasil é preciso sempre estar preparado para as crises. Todos os especialistas orientam que um orçamento equilibrado deve relacionar

todos os gastos mensais, do cafezinho às esmoladas. A prioridade deve ser para o pagamento de dívidas e também é necessário estabelecer uma hierarquia para as compras: separe os bens que se quer daqueles que se precisa. Isso já pode ser um bom começo.

A cartilha da renegociação

- Se não houver condições para pagar uma dívida no vencimento, o melhor é avisar o credor, se possível com antecedência. A medida demonstra o empenho em resolver a questão quanto antes.
- Seja claro e honesto com o credor. Explique seus problemas, sem desculpas ou rodeios.
- Procure evitar intermediários. As empresas de cobrança e os consultores de dívidas ganham um percentual sobre o valor devido e têm menos autonomia.
- Peça um demonstrativo da dívida para verificar quanto está sendo cobrado em multa, ou juros de mora.
- Pleiteie juros menores para o parcelamento. Alguns credores chegam a abrir mão das taxas para garantir o recebimento do principal. As multas de atraso também podem ser eliminadas do saldo total. As taxas de juros ou multas acima de 2% são consideradas altas.
- Negocie dentro de suas possibilidades financeiras. Não assuma um pagamento mensal maior do que pode suportar.
- Não aceite a cobrança de honorários advocatícios nem despesas de cobrança. De acordo com o Código de Defesa do Consumidor esses custos devem ser pagos por quem contrata os serviços.
- Use qualquer sobra do orçamento para tentar negociar o pagamento à vista de suas dívidas, dando prioridade àquelas com encargos mais altos, como financeiras, cartões de crédito e cheque especial.

Comércio ambulante perde movimento no Gigantão

Falta de jogos do basquete Uniara desanima público visitante

Rodrigo Bruschi

A eliminação da equipe de basquete masculino adulto da Uniara no início da segunda fase do campeonato brasileiro deste ano, diferente do ocorrido do ano passado quando a equipe Araraquarense foi vice-campeã, provocou uma diminuição do movimento do comércio ambulante nas proximidades do Ginásio de Esportes Castelo Branco (Gigantão). Vários comerciantes relatam que durante o campeonato a equipe da Uniara jogava duas vezes por semana em Araraquara, atraindo um bom público.

Silvia de Campos, que tem um comércio de doces nas imediações do Ginásio, afirma que nos dias em que a Uniara jogava sempre havia mais movimento. Já o garapeiro

João Tavares da Silva notou que houve uma diminuição do movimento em relação ao ano passado, período que afirma ter vendido e atendido mais fregueses. “No ano passado havia mais agito e um maior número de pessoas frequentando os jogos da Uniara no Gigantão”, afirma o comerciante. Descontente com a queda das vendas, o comerciante conhecido como Beto Burgue, proprietário de um car-

João Tavares afirma que a principal causa na queda das vendas é a falta dos jogos de basquete no Gigantão



rinho de lanches, também considera que em 2003 o movimento tem sido menor do que no ano passado. Além disso, ele reclama que quando há jogos no Gigantão há uma invasão de ambulantes que não são autorizados a trabalhar no local, prejudicando ainda mais o movimento. Mesmo com essa concorrência acirrada, o comerciante afirma que seu movimento aumenta 50% em dia de jogos no Gigantão.

As garapeiras Marlene Nobre Selatino e Gisele Bento dos Santos também ressaltam que no ano passado o movimento foi maior que em 2003. Mas, Gisele afirma que apesar da queda no movimento ela não tem tido prejuízo. “Só que no ano passado havia mais empolgação e animação da torcida, refletindo num melhor movimento e faturamento”, conclui.

Alunos trocam salas de aula pelos bares

Antes, o motivo era comemoração de notas; hoje, qualquer razão leva os alunos aos barzinhos

Clariana Domingos

Muitos jovens universitários trocam as carteiras escolares pelas mesas dos barzinhos localizados nas imediações das faculdades e universidades, uma troca que às vezes inicia-se na segunda-feira, vai até à sexta e em alguns casos envolve até 70% dos estudantes, segundo a pesquisa realizada pelo Eustázio Pereira, no instituto da USP de Santos, sobre o comportamento dos jovens (dados da internet). Essa substituição das salas de aula pelos bares até há algum tempo atrás acontecia nas ocasiões especiais, para comemorar as notas ou o aniversário de algum colega. Hoje a história é outra e a simples companhia dos amigos e o prazer de beber atraem o interesse dos universitários em geral.

Alunos que bebiam de vez em quando passaram a beber diariamente. Com isso, o aprendizado fica prejudicado e o jovem ainda pode adquirir um vício difícil de vencer. Na Uniara, a situação nnn é diferente e chega a assustar a proliferação de bares ao redor da faculdade. Junto com os bares, estão também outras

atrações como demonstrações de pirofagia, desfile de carros com som alto além de promoções de fabricantes de cerveja que fazem promoções distribuindo gratuitamente a bebida para os estudantes. Em meio a essas tentadoras opções de lazer, os alunos muitas vezes deixam de assistir aula ou saem mais cedo para tomar cerveja, jogar sinuca e ficar se divertindo com os amigos. "Se não houvessem tantas distrações em volta da universidade, talvez os alunos se aplicariam mais no curso", diz Leandro Castro, 23 anos aluno de Jornalismo, que hoje dá mais valor ao curso, não trocando a aula pela diversão.

No bar, encontra-se entretenimento e para justificar a troca da aula pela cerveja, os universitários alegam que a matéria não está interessante. "As aulas teóricas são cansativas e desgastante, em alguns cursos são descontraídas por serem práticas, o que prende a atenção dos alunos", diz Fernanda R. Ulian, 20 anos, aluna de Turismo. Castro também concorda que os professores deveriam usar e "abusar de recursos que diferenciassem as aulas do tradicional, como propor uma diversão na sala que estimulasse o aluno". Com essas desculpas,



Bar lotado: a cada dez estudantes, sete consomem bebida alcoólica

alguns universitários só se preocupam com a escola quando as notas estão baixas, deixando de se preocupar com seu futuro profissional.

O jovem, em sua maioria de bom nível cultural, às vezes chega à universidade sem fazer uso de bebida alcoólica até aquele momento. Mas, para ser aceito no novo grupo acaba entrando na corrente. Até porque a sociedade não encara o álcool e o cigarro como se fossem drogas. Com isso, o consumo vem aumentando aceleradamente. O consumo de álcool no início da década de 80 era de 22,3 milhões de litros anuais. Atualmente, a quantidade mais que dobrou e são 50,3 milhões de litros. A pesquisa do IBGE constatou também que em cada dez estudantes universitários, sete consomem bebida alcoólica, e alguns de maneira exagerada e sem limites.

Com essa atitude o estudante uni-

versitário se esquece de suas responsabilidades, não frequentando as aulas e sentindo-se cada vez mais desmotivados. Na opinião do professor de Ética em Jornalismo, Sebastião Geraldo, uma das saídas para seria convencer o aluno da importância do conteúdo discutido em sala para a

vida profissional do mesmo. Outra coisa é tornar a aula mais participativa evitando com isso a monotonia e falta de interesse. Seria uma forma de prender a atenção, fazendo com que o estudante se esqueça um pouco dos barzinhos e passe a dar mais valor ao seu futuro profissional.



Jovens: bebida é sinônimo de aceitação



Universitários: preferência pelos bares

Livros merecem toda atenção

Cerca de 26% dos brasileiros não conseguem ler nem entender um livro

Joana Silvério

Quando uma criança pergunta aos pais o motivo de ter que ir à escola, a resposta espontânea é: "porque você precisa aprender a ler e a escrever". Apesar disso, o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional divulgado pelo Instituto Paulo Montenegro, ligado ao Ibope, aponta que apenas 26% dos brasileiros conseguem ler e entender um livro. A maioria passa pelos bancos escolares carregando

uma enorme dificuldade para gostar de ler, entender o que lê e expressar através da escrita aquilo que entendeu nas leituras. A essa dificuldade pode-se dar o nome de analfabetismo funcional. Ou seja, a pessoa não aprendeu a ler e escrever com qualidade suficiente.

Na opinião unânime dos educadores, uma pessoa somente terá capacidade de entender e escrever se ler bastante. Para os pedagogos, as escolas devem despertar o gosto pela leitura. E, pelo jeito isso não

está acontecendo. "Nosso país, infelizmente, não possui o hábito de leitura e temos que criar em nossos jovens esse bom hábito. Isso só poderá ser realizado a partir do momento em que a educação oferecida aos alunos seja de qualidade e tenha como ponto de partida ensinar para a vida", diz a pedagoga Inês Varela.

Ponto de vista semelhante é levantado pela professora de português, Maria Isabel Felício. "Quando ensinamos literatura, os escri-

tores são apresentados como ícones, os imortais. Isso assusta e afasta muitos alunos que acabam não tomando gosto pela literatura nacional".

A opinião de Maria Isabel é confirmada pela estudante Angélica Puiim, 17 anos. "Eu não gosto de ler. Os livros que os professores pedem são muito chatos. Não têm nada a ver com a realidade e possuem uma linguagem muito velha". A repulsa ao gosto pela leitura demonstrada pela estudan-

te revela uma deficiência mais básica. "A linguagem muito velha" à qual a estudante se refere é a linguagem de uma época. Para que os jovens compreendam isso quando estão lendo uma obra literária, é necessário que conheçam o contexto sócio-econômico e cultural em que foi escrita. Sem esse conhecimento, o desinteresse é consequência imediata.

Sem leitura, o jovem terá dificuldade para compreender os textos que terá que ler em diversas situações, vida afora. Nos concursos, vestibulares e exames, é fundamental a compreensão do enunciado da questão para se chegar à resposta correta. A professora de matemática Damarys de Freitas cita como exemplo a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) desse ano. "Quem deu uma olhada nas provas do ENEM, sabe do que estou falando. Tinha questões de matemática que eram pura interpretação de texto. Bastava que o aluno conseguisse ler e entender o que estava sendo pedido, porque toda a informação necessária para resolver o problema estava no próprio enunciado".

Isso só ressalta ainda mais a urgência de desenvolver a leitura como hábito para os jovens. Essa é uma questão que não se restringe apenas a um campo de conhecimento, mas que abrange a vida como um todo. E irá fazer toda a diferença.

Livros e leitura: fundamentais para uma educação de qualidade





Sala dos adolescentes ainda é a mais frequentada



Sala é preparada para receber os adultos



Sala computadorizada

Internet grátis atrai estudantes à biblioteca de São Carlos

Computadores em rede mudam a rotina dos usuários da biblioteca municipal

Vivian Torresan

A internet veio para modificar e ampliar os conhecimentos. Em todos os cantos e lugares existem os computadores tão úteis hoje. As pessoas verificam e-mails e por ele dão e recebem sugestões, fazem pesquisas e se globalizam. Nada mais justo do que também servir para pesquisas mais elaboradas e atuais, notícias mais quentes e toda a forma de procura por vários assuntos. E para que estas pesquisas alcancem todas as pessoas e níveis sociais, a Biblioteca Municipal de São Carlos inaugurou uma sala só com computadores instalados em rede.

A inovação vem atender novas demandas apresentadas, principalmente, pelo público mais jovem. Segundo Mary Tonissi de Figueiredo, diretora da Biblioteca, muita coisa vem se transformando nos últimos cinco anos e a biblioteca precisa se modernizar para acompanhar as novas tecnologias e atender melhor um público que vem crescendo bastante. As três salas existentes - adulta, infantil e adolescente - oferecem livros, gibis, jornais, arquivos, revistas e, agora, computadores instalados em rede.

A sala infantil não sofreu grandes mudanças com a chegada da internet. “As crianças lêem

mais gibis e gostam de observar as gravuras, não necessitam da internet. Quando o fazem, os pais, na maioria das vezes, estão juntos e os ajudam com o computador”, explica Mary.

Na sala adulta, antigamente frequentada apenas por três ou quatro senhores que iam ali para ler jornais e conversar futilidades, hoje vive lotada. O número de procura por jornais e revistas triplicou. “As pessoas entram para esperar o ônibus, o horário para voltar ao serviço e principalmente para se instruir sobre o mundo globalizado”, acrescenta a diretora. Para a diretora e as bibliotecárias esse aumento no número de frequentadores foi a me-

lhor coisa que poderia ter acontecido, já que esta sala vivia vazia e sem muitos interessados.

A sala possui muitos arquivos históricos da cidade e de outras localidades, revistas e jornais. Assuntos mais específicos, atuais, estão sendo procurados na internet, o que não diminui a procura e a curiosidade pelos livros.

A sala dos adolescentes e universitários é a que mais vem se modificando. “Tudo aqui funciona relacionado aos calendário letivo das escolas, principalmente das públicas”, complementa a diretora. As escolas influenciam as procuras por determinados assuntos, como geografia, história, literatura e o grande crescimen-

to é pela procura por artes e cultura. As mudanças têm atraído estudantes que reúnem na biblioteca para estudar com os colegas, trazendo seus próprios livros e buscando informações na internet. “Ultimamente, os alunos ficam aqui em grupos, estudando e, às vezes, trazendo seus próprios livros”, diz Mary Tonissi. Esse aumento na frequência comprova que a instalação dos computadores criou mais um motivo para o público são-car-lense frequentar a Biblioteca Municipal. E comprova também que as novas tecnologias podem conviver harmonicamente com os livros e velhos arquivos que ainda são a referência principal para qualquer estudo e pesquisa.

Grupo Gestus é sucesso no interior

O grupo Gestus de Araraquara, coordenado pela professora Gilsamara Moura, acaba de retornar de uma turnê realizada nas regiões de São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru, com o espetáculo “O Homem que odiava segunda-feira”, adaptação do livro homônimo do autor, também araraquarense, Inácio de Loyola Brandão.

Rodrigo Bruschi

O grupo Gestus de Araraquara, coordenado pela professora Gilsamara Moura, acaba de retornar de uma turnê realizada nas regiões de São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru, com o espetáculo “O Homem que odiava segunda-feira”, adaptação do livro homônimo do autor, também araraquarense, Inácio de Loyola Brandão.

O espetáculo percorreu 17 cidades do interior paulista e fez parte da mostra SESC Latinidades juntamente com outros grupos, com especial destaque para o grupo musical da Romênia Mahala Ray Band e para a Companhia Teatral Mandacarinho, de Jacaré. Além desses grupos, vale destacar também a presença da artista plástica paulistana Nani Brisk e da boliviana Angélica Heckl.

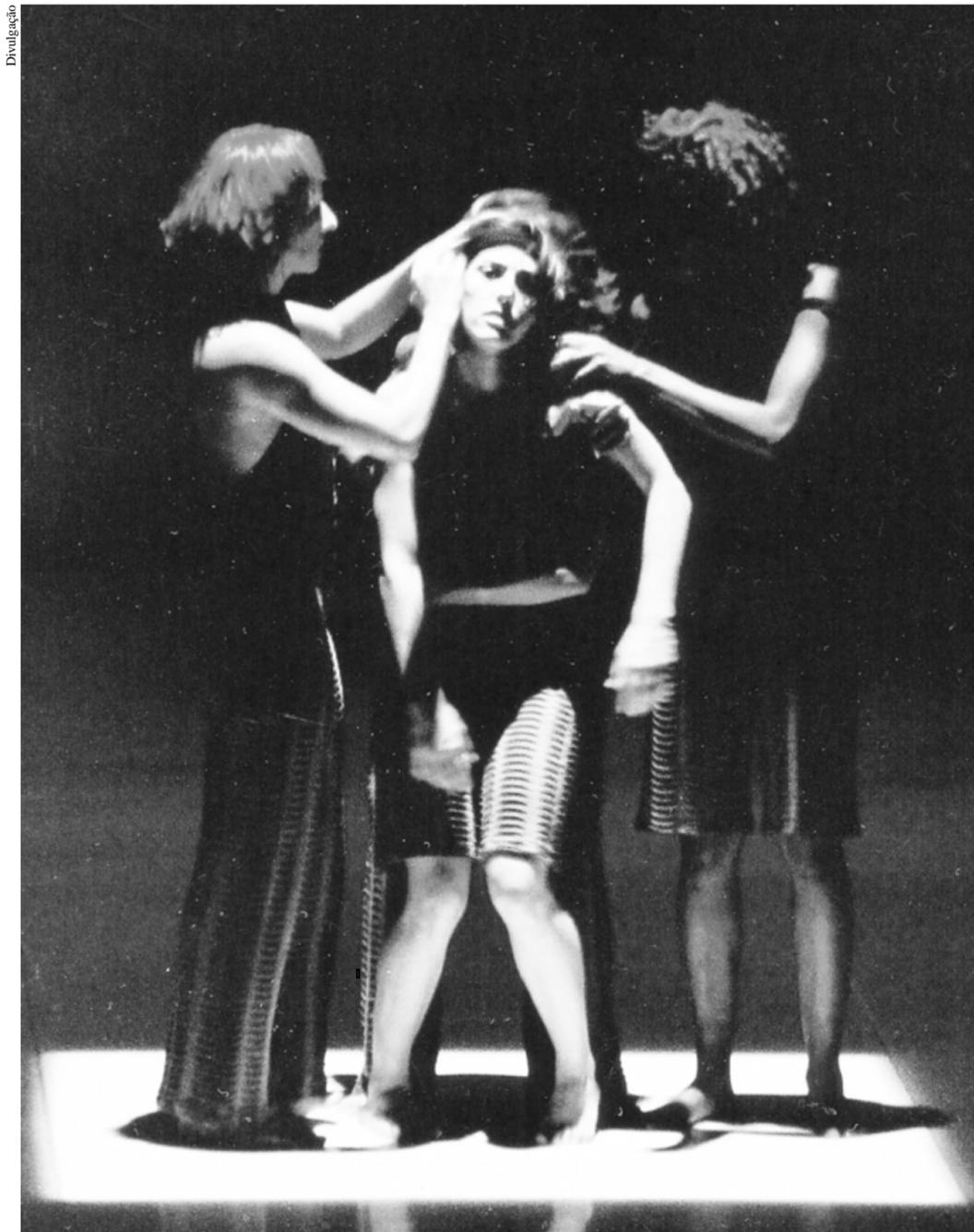
A mostra realizada pelo SESC ocorreu em 80 cidades diferentes e contou com o apoio de empresas privadas através da Lei Rouanet, que in-

centiva o apoio à cultura em troca de isenções no imposto de renda.

O grupo dirigido pela professora e coreógrafa Gilsamara Moura, atual diretora da FUNDART, foi um sucesso entre o público e a crítica em todas as cidades por onde passou, realizando as apresentações em locais públicos com entrada franca, visando assim atingir o maior número possível de espectadores.

Composto pelos bailarinos Tadeu Queiroz, Aberto Fernandes, Érica Petroni, Sabrina Kelly, Aline Cíntia e a Propria Gilsamara Moura, o grupo Gestus passou por uma exaustiva preparação para esta turnê, que incluiu musculação, natação, aulas de balé clássico e mais de 20 horas semanais de ensaios entre outras atividades paralelas.

O espetáculo contou ainda com as interpretações impecáveis de Paulo Martelli ao violão, que assina a trilha sonora e enriquece ainda mais esta reunião de grandes talentos oriundos da cidade de Araraquara.



Gestus: preparação inclui natação, musculação e aulas de bale clássico

Rapel atrai cada vez mais adeptos

Esporte radical é uma opção para conciliar lazer e boa forma

Paula Urbano

Descer uma cachoeira pendurado em uma corda parece loucura, mas é uma prática que tem atraído cada vez mais adeptos. Essa descida na vertical, o rapel é derivado do alpinismo e foi inventada na França em 1879 por Jean Charlet Straton e seus companheiros Prosper Payot e Frederic Folliguet. No Brasil, pelas características tropicais e grande riqueza fluvial, o esporte se propagou com facilidade. Mas, mesmo se não estiver ao alcance de uma bela cachoeira, os adeptos podem sair à procura de rapel urbano com descidas em pontes e prédios.

Porém, nada se compara à natureza e quem pode encontrar no interior de São Paulo alguns dos lugares mais privilegiados para a prática do rapel. Brotas é um desses lugares e abriga em suas "serras" várias nascentes e rios encachoeirados, que cortam vales e encostas, concentrando uma enormidade de atrativos turísticos, na maioria, hídricos como represas, ribeirão,



No meio da descida: aventura em uma das cachoeiras Monte Alto

cachoeiras, corredeiras e nascentes. Seu potencial natural aliado ao incremento de produtos e serviços turísticos confere à região um grande potencial para o ecoturismo e para o turismo rural. E hoje já é com certeza, ponto de referência para a prática de esportes de aventura, como o rafting, bóia-cross, canyoning, arborismo e outros.

Outra opção para quem é da região de Araraquara, é Monte Alto que oferece aos turistas 23 cachoeiras, das quais 12 são para a prática do esporte. As cachoeiras variam de 4 a 70 metros de queda e ficam no bairro rural Água Limpa, a quinze minutos do centro da cidade. O praticante de rapel, Adriano César Damiani conhece bem essas cachoeiras. "Rapel é uma coisa que inova tudo, corpo e mente", diz Adriano.

O equipamento necessário para a prática do rapel pesa cerca de um quilo, e são a cadeirinha (equipamento usado para apoiar o praticante), o mosquetão (equipamento que liga a cadeirinha com a corda) e o capacete. Essa prática pode ser feita com total segurança, já que os equipamentos utilizados para a des-

cida são muito resistentes e a corda suporta até três mil quilos.

Para o professor de rapel Guilherme Galassi, praticante do esporte há cinco anos, a sensação de medo se mistura com a liberação de adrenalina. "Nas primeiras vezes o medo é muito grande, então a gente quer chegar logo ao chão e não curte a paisagem. Mas, depois de três ou quatro descidas você sente-se mais calmo e seguro, então já pode parar no meio da cachoeira e sentir a água. Sensação como a primeira descida não existe, é maravilhoso", afirma Guilherme.

Existem dois tipos de cursos. O básico, onde as pessoas passam o dia descendo na cachoeira, custa cerca de trinta reais. O mais complexo, que geralmente é dado nos fins de semana, onde aprende-se os nomes dos nós, a executá-los e as formas de ancoragens e sai em torno de duzentos reais.

No verão as pessoas ficam mais preocupadas em manter a boa forma, com isso aumenta a procura por esportes. Nessa época, o rapel é uma das alternativas para quem quer aliar os benefícios do esporte com o lazer.

André Bambu, carreira de vitórias e amizades

Atleta fala do começo da carreira e da emoção de conquistar o ouro no Panamericano

Roberto Schiavon

O dono da camisa 14 do Uniara Basquete, André Bambu, 24 anos, sabe que tudo o que conquistou na vida profissional se deve não somente ao trabalho dentro das quadras mas também ao suporte da família e dos companheiros. E não foram poucas as conquistas. Em dez anos praticando o esporte, Bambu conseguiu primeiro tornar-se ídolo na cidade, através das campanhas do Uniara nos campeonatos paulista e nacional, e depois garantir seu nome na história dos Jogos Panamericanos de Santo Domingo, conquistando a medalha de ouro com a seleção brasileira. "Meu pai me levou para fazer esporte quando eu tinha 14 anos e o basquete foi a única opção que encontramos, porque tinha que conciliar a atividade esportiva com o horário dos estudos", conta.

O jogador, que mede 2,05 m e pesa 100 quilos, revela que a alta estatura foi um dos fatores que o ajudaram a continuar no basquete, porque 14 anos já era considerada uma idade avançada para seguir na carreira profissional. O técnico do Uniara, Antonio José Paterniani, o Tonzé, também é apontado por André Bambu como um personagem muito importante na sua trajetória, já que foi ele quem observou o atleta ainda em Ribeirão Preto, onde os dois começaram a trabalhar juntos. "Grande parte de meu sucesso aconteceu devido à orientação do Tonzé, que me deu oportunidade e me mostrou o caminho. Eu fui inteligente em seguir esse caminho e procuro continuar nele, porque sei que assim coisas melhores virão no futuro", declara o jogador.

Para Bambu, o fato de ter chegado a treinar com a seleção brasileira em 1999, quando acabou não ficando no grupo, também o ajudou a obter sucesso neste ano. Ele acredita que chegou à sua segunda passagem na seleção com mais ex-

periência e segurança para não deixar escapar novamente a oportunidade. "Eu havia tido só o gostinho de estar na seleção, o que me fez voltar já sabendo melhor o que fazer lá dentro para ficar", complementa.

E o que se passa pela cabeça de um atleta quando sobe ao pódio para receber uma medalha de ouro representando o Brasil em uma das mais importantes competições do mundo? "São muitos filmes que

passam na nossa cabeça. Um deles é o das dificuldades no início da carreira, que mostram o poder que a gente tem para realizar as coisas. Deus me deu o principal, que é a vontade e a saúde; o resto vem naturalmente", diz Bambu.

O que o jogador espera é continuar trabalhando ainda mais para assegurar sua vaga na seleção brasileira, porque sabe que precisa estar sempre bem preparado para novas convocações. "Essa passagem

foi muito boa, mas acabou. Agora tenho que dar seqüência como se estivesse começando do zero, trabalhando forte e fazendo bons campeonatos. Tenho vantagem por jogar em uma equipe que está em evidência, lutando todos os anos pelas primeiras colocações", comenta.

Sempre dando um passo de cada vez, André Bambu, que cita o companheiro de time Pipoka como uma de suas grandes inspirações, vai caminhando seguro na

carreira, porque sabe em quem confiar e de onde vem o suporte para a luta diária dentro da quadra. "Não posso esquecer que chegar à seleção é difícil, mas permanecer no grupo é ainda mais complicado. Esta conquista não virá apenas do meu trabalho, porque acredito muito na sorte e nas pessoas que estão ao meu lado, como a minha família e como o Tonzé, que é um grande diferencial na minha carreira", conclui o jogador.

Lazer só no final de semana

Caminhadas e encontro com amigos divertem a maioria dos universitários

Samanta Coelho

Os universitários têm tempo livre para o lazer só nos fins de semana. Durante os demais dias, enfrentam aulas, trabalhos, estudos. Mas, quando o sábado chega, cada um busca se divertir do jeito que gosta. As atividades a que se dedicam no final de semana variam de acordo com as preferências pessoais de cada um e a enquete realizada pelo jornal VITRAL, com alguns estudantes da Unip e da Uniara, mostra que poucos têm a leitura como lazer. A maioria prefere os esportes e caminhadas, além do lazer noturno nos famosos barzinhos ou no cinema.

Foram entrevistados 30 alunos de vários cursos e faixas etárias. Os dados obtidos com esta pequena enquete revelaram que apenas 10% dos universitários se dedicam à leitura em seus momentos de lazer. Juliana Previdelli, estudante

de Jornalismo, 19 anos, faz parte deste restrito grupo e comenta que a leitura é um tipo de lazer como qualquer outro, mas afirma que é uma questão de gosto particular. "A leitura é um tipo de lazer assim como andar de bicicleta, navegar na internet e ir ao cinema. Opções existem e o importante é cada um faça o que gosta, já que o principal objetivo é relaxar".

O lazer mais citado foi a caminhada que, segundo os universitários, é capaz de aliar o prazer a uma prática saudável. Cerca de 50% dos entrevistados, principalmente as mulheres, têm este hábito. A estudante de Gestão Empresarial em Recursos Humanos, 28 anos, Adriana Paulino acrescenta que todo tipo de esporte é uma excelente forma de lazer. A estudante de Publicidade e Propaganda, Richele Toledo, 19 anos, é outra adepta da caminhada como opção de divertimento nas horas livres e explica que "caminhar é muito bom, por isso sempre caminhei nas minhas horas livres da faculdade e do trabalho. Caminho inclusive du-

rante a semana, quando há tempo". O interesse pelos esportes foi tão salientado que a maioria dos estudantes disse que faltam competições esportivas em nível universitário. Isto, como eles comentam, seria uma forma de aproximá-los, ao mesmo tempo que serviria para "desestressar" depois de uma semana de afazeres na universidade.

No entanto, outras atividades como sair com os amigos, ir a barzinhos, boates, cinema e internet, foram citados por quase 80% dos entrevistados. Pescaria, aeromodelismo e passeios de carro, também fazem parte do quadro de atividades dos universitários, porém estas são preferências dos estudantes mais velhos e que compartilham sempre o lazer com a família.

Em relação ao tempo livre para o lazer, 93% dos universitários afirmam que só podem se dedicar a outras atividades, além do estudo e do trabalho, aos domingos. Eles explicam que vontade não falta, o que interfere é realmente a dificuldade em conciliar o trabalho durante o dia e a universidade à noite, ou mes-

mo ao estudo em tempo integral. "É somente nos fins de semana que tenho tempo livre. Desta forma, divido este tempo entre os trabalhos que os professores pedem, estudar para as provas, com o lazer. Procuro fazer isto da melhor forma possível, assim dá tempo para tudo sem me prejudicar. Gosto muito de sair à noite com meus amigos e procuro me organizar para não ter que abrir mão disto", explica Elaine Trevisan, 38 anos, que cursa Gestão em Recursos Humanos e é recepcionista em um consultório médico.

Driblando a falta de tempo e o cansaço, os universitários sempre encontram alguma coisa gostosa para fazer nos fins de semana. E é fundamental que consigam encontrar essas oportunidades de lazer e prazer. Afinal, nem só de estudos e trabalho vivem as pessoas. Bater papo com os amigos ou simplesmente dormir, são formas de recarregar as baterias.